

A IGREJA LOCAL

UNIDADE E ORGANIZAÇÃO SEGUNDO O
MODELO OBSERVADO NO NOVO TESTAMENTO



Luis da Silva

A IGREJA LOCAL

UNIDADE E ORGANIZAÇÃO SEGUNDO O MODELO OBSERVADO NO NOVO TESTAMENTO

Luis da Silva



Informações

WhatsApp: +244 925-870-451

<https://ko-fi.com/luisfrancodasilva>

luisdasilva@servindoaosirmaos.org

A Igreja Local
Unidade e organização Segundo o modelo observado no Novo
Testamento

© Agosto de 2021 por Luis da Silva



Av. 21 de Janeiro, Gamek, Maianga – Luanda - Angola

Tell: +244925870451

Servindo aos Irmãos, serviço do irmão **Luis da Silva**
para seus irmãos em Cristo.

∞ **Literaturas em formato digital**

→ <https://servindoaosirmaos.org>

∞ **Literatura em formato impresso (Exclusivo em Angola-Luanda)**

→ Contacto@servindoaosirmaos.org

Distribuída em Angola por: Servindo aos Irmãos

Trechos deste livro podem ser reproduzidos, copiados e distribuídos desde que o texto não seja alterado e seja feita a devida referência ao autor. Apreciamos seu apoio e respeito a esta propriedade intelectual.

PREFÁCIO

Em um mundo cada vez mais fragmentado e individualista, a compreensão da natureza e da organização da Igreja de Cristo torna-se mais crucial do que nunca. Este livreto busca lançar luz sobre o modelo observado no Novo Testamento para a igreja local, conforme revelado nas Escrituras do Novo Testamento e corroborado pela história primitiva do cristianismo. Nosso objetivo é demonstrar que a identidade da igreja local está intrinsecamente ligada à sua localidade geográfica, e que a unidade de todos os crentes em uma determinada cidade ou região é um princípio fundamental.

Ao longo destas páginas, veremos como as igrejas eram estabelecidas e lideradas, a função dos presbíteros e diáconos, e como os locais de reunião, embora importantes, não definiam a identidade da congregação. Abordaremos também os desafios modernos que levam à fragmentação e ao denominacionalismo, e proporemos um retorno aos princípios bíblicos de unidade e uma mentalidade inclusiva (sem relativizar doutrina essencial). Que esta reflexão inspire um maior compromisso com a unidade do Corpo de Cristo e a fidelidade ao padrão divino para a Sua Igreja.

Servindo aos Irmãos

INTRODUÇÃO

A Igreja, no seu sentido mais amplo, é o Corpo de Cristo, formado por todos os redimidos desta presente dispensação, de todos os lugares, desde o início do seu surgimento em Atos, conforme a revelação dada ao apóstolo Paulo. Apesar disso, a Bíblia também nos apresenta o conceito de "igreja local", que é a manifestação visível e organizada desse Corpo em uma determinada localidade. A forma como essa igreja local era organizada e compreendida nos tempos apostólicos é de suma importância para a nossa prática hoje.

Historicamente, e biblicamente, a igreja local não era definida por um edifício ou por um grupo específico que se reunia em um determinado local, mas sim pela totalidade dos crentes em uma cidade ou região. O Novo Testamento não traz uma proibição explícita contra múltiplas congregações autônomas numa cidade, mas o que vemos repetidamente é o padrão apostólico de uma igreja para toda a localidade. Essa distinção é crucial para entender a unidade que o Novo Testamento enfatiza e para evitar as divisões que, infelizmente, caracterizam grande parte do cristianismo contemporâneo.

Este livreto tem como propósito percorrer o modelo observado no Novo Testamento da igreja local, demonstrando que a localidade geográfica era o fator determinan-

te de sua identidade. Investigaremos as evidências nas Escrituras que apontam para uma única igreja por cidade, sob a liderança de um colegiado de presbíteros e diáconos, independentemente dos múltiplos locais de reunião. Além disso, analisaremos como as práticas modernas, muitas vezes bem-intencionadas, podem desviar-se desse modelo, levando à fragmentação e ao sectarismo. Nosso desejo é promover uma reflexão que nos conduza a uma maior fidelidade ao plano de Deus para a Sua Igreja.

Luis da Silva

CAPÍTULO 1

O Modelo Observado no NT de Igreja Local: Uma Igreja por Cidade

Para compreender a organização da igreja no Novo Testamento, é fundamental partir do princípio de que a identidade de uma igreja local estava intrinsecamente ligada à sua localidade geográfica. A Bíblia consistentemente se refere às igrejas pelo nome da cidade onde estavam situadas, e não por nomes de grupos específicos ou locais de reunião.

A Localidade como Fator Determinante da Identidade da Igreja

No Novo Testamento, a localidade geográfica é o fator primordial para identificar uma igreja local. Isso significa que a igreja em uma cidade era composta por todos os crentes que viviam naquela área geográfica, independentemente de onde se reuniam. A unidade da igreja era baseada na localidade, e todos os crentes da mesma localidade eram considerados parte da mesma igreja.

Exemplos Bíblicos: Corinto, Éfeso, Jerusalém

- **A Igreja em Corinto (1 Coríntios 1:2):** Paulo se dirige "à igreja de Deus que está em Corinto". Isso incluía todos os crentes da cidade de Corinto, não importando

em qual casa ou local específico eles se reuniam. A carta é para a totalidade dos crentes na cidade.

- **A Igreja em Éfeso (Apocalipse 2:1):** A mensagem de João é "ao anjo da igreja em Éfeso". Referia-se a todos os crentes da cidade de Éfeso, independentemente de onde eles se congregassem.

- **A Igreja em Jerusalém (Atos 8:1; Atos 15:4):** A igreja em Jerusalém, que provavelmente contava com milhares de crentes (Atos 2:41, 4:4), certamente se reunia em diferentes casas e locais maiores (Atos 2:46, 5:42). Contudo, ela é consistentemente referida no singular como "a igreja em Jerusalém", e não como "as igrejas de Jerusalém" ou "as igrejas nas casas de Jerusalém". Isso demonstra que, apesar dos múltiplos pontos de encontro, a igreja era vista como uma única entidade na cidade.

Esses exemplos ilustram que a unidade da igreja era baseada na localidade. Todos os crentes da mesma localidade eram considerados parte do mesmo corpo, sob a liderança dos mesmos presbíteros (como veremos no próximo capítulo).¹

¹ Igreja local é o conjunto de crentes que vivem numa mesma localidade e estão sob o cuidado de presbíteros, irmãos maduros colocados pelo Espírito Santo para apascentar todo o rebanho de Deus nessa cidade.

O Singular e o Plural: Igrejas em Cidades vs. Igrejas em Províncias

O uso do singular e do plural para o termo "igreja" no Novo Testamento reforça a ideia de uma igreja por cidade e múltiplas igrejas por província. Essa distinção é crucial para entender o modelo observado no Novo Testamento.

Uma Igreja por Cidade (singular)

Quando a Bíblia se refere a uma congregação em uma cidade específica, o termo "igreja" aparece no singular, indicando que havia uma única igreja por localidade. Isso se aplica a diversas cidades:

- A igreja em Éfeso (Apocalipse 2:1)
- A igreja em Filadélfia (Apocalipse 3:7)
- A igreja em Antioquia (Atos 13:1)
- A igreja em Colossos (Colossenses 1:2)
- A igreja em Filipos (Filipenses 1:1)
- A igreja em Corinto (1 Coríntios 1:2)
- A igreja em Roma (Romanos 1:7, embora não use explicitamente "igreja em Roma", Paulo se dirige aos "amados de Deus que estais em Roma, chamados para serdes santos", implicando uma única comunidade).

Nos relatos do NT, a igreja era identificada pela cidade. O limite de uma igreja não era a própria casa de reunião, mas sim o território da cidade.

Múltiplas Igrejas por Província (plural)

Por outro lado, quando o Novo Testamento se refere a uma região ou província que continha várias cidades, o termo "igrejas" aparece no plural. Isso ocorre porque cada cidade dentro da província tinha sua própria igreja local.

- **As igrejas na Ásia (Apocalipse 1:4):** A Ásia era uma província romana, e nela havia localidades como Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. João se dirige às "sete igrejas que se encontram na Ásia", confirmando que cada cidade tinha sua própria igreja.

- **As igrejas na Judeia (Gálatas 1:22):** A Judeia era uma província do Império Romano, e o termo "igrejas" aparece no plural ("as igrejas de Cristo na Judeia"), porque havia mais de uma localidade com igrejas, como Jerusalém, Cesareia, etc.

- **As igrejas da Galácia (Gálatas 1:2):** A Galácia era uma província romana com localidades como Listra, Derbe, Icônio e Antioquia da Pisídia. Paulo se dirige às "igrejas da Galácia", no plural.

- **As igrejas na Macedônia (2 Coríntios 8:1):** A Macedônia era uma província romana ao norte da Grécia, com localidades como Filipos, Bereia e Tessalônica. Paulo se refere às "igrejas da Macedônia", no plural.

- **As igrejas em Acaia (Romanos 15:26; 2 Coríntios 2:1):** A Acaia era uma província romana ao sul da Grécia, com localidades como Corinto e Cencreia. Paulo menciona as "igrejas da Acaia", no plural.

Essa distinção clara entre o singular (uma igreja por cidade) e o plural (múltiplas igrejas por província) é um indício consistente de que o modelo observado no Novo Testamento para a organização da igreja local era o de uma única congregação em cada cidade. Não existia o conceito de "igreja provincial", "municipal" ou "nacional" como uma única entidade eclesiástica abrangente, mas sim uma rede de igrejas locais autônomas, cada uma em sua respectiva cidade.

CAPÍTULO 2

A Liderança da Igreja Local: Presbíteros e Diáconos

Uma vez estabelecido que a igreja local no Novo Testamento era uma entidade singular em cada cidade, é fundamental compreender como essa igreja era liderada. As Escrituras são claras ao apresentar um modelo de liderança plural, exercido por um colegiado de presbíteros e apoiado pelo serviço dos diáconos. No modelo registrado no Novo Testamento, em nenhum momento encontramos a figura de um único líder supremo sobre a totalidade da igreja em uma cidade.

O Colegiado de Presbíteros: Pastoreio e Supervisão

Conforme abordado em outros de nossos livretos sobre liderança na Igreja, os termos "bispo" (**episkopos**), "presbítero" (**presbyteros**) e "pastor" (**poimen**) são usados de forma intercambiável no Novo Testamento para descrever o mesmo ofício de liderança. Esses líderes eram responsáveis pelo pastoreio, ensino e supervisão da igreja.

Intercambialidade dos Termos: Bispo, Presbítero, Pastor

- **Atos 20:17, 28:** Paulo chama os "presbíteros" de Éfeso e, em seguida, os exorta a "pastorear" o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os constituiu "bispos". Os mesmos indivíduos são identificados pelos três termos, demonstrando sua equivalência funcional.

- **Tito 1:5-7:** Paulo instrui Tito a nomear "presbíteros" em cada cidade e, ao listar as qualificações, refere-se a eles como "bispos". Isso solidifica a intercambialidade dos termos.

- **1 Pedro 5:1-2:** Pedro, que se autodenomina "presbítero", exorta outros "presbíteros" a "pastorear" o rebanho, exercendo a "supervisão" (função de bispo).

Atuação Conjunta e Compartilhada

O modelo observado no Novo Testamento é de um colegiado de presbíteros atuando em conjunto. A liderança não era centralizada em um único indivíduo, mas compartilhada entre vários homens qualificados. Isso garante a sabedoria coletiva, a prestação de contas mútua e a distribuição de encargos.

- **Atos 14:23:** Paulo e Barnabé "indicaram presbíteros em cada igreja", no plural, reforçando a ideia de um grupo de líderes.

- **Atos 15:** O Concílio de Jerusalém envolveu "apóstolos e presbíteros" tomando decisões em conjunto, demonstrando a autoridade compartilhada dos presbíteros em questões doutrinárias e práticas.

- **Filipenses 1:1:** Paulo saúda os "bispos e diáconos" da igreja em Filipos, indicando a presença de múltiplos supervisores.

- **Tiago 5:14:** A instrução para chamar os "presbíteros da igreja" para orar pelos enfermos aponta para a responsabilidade compartilhada no cuidado pastoral.

O Serviço dos Diáconos: Apoio e Cuidado Prático

Além dos presbíteros, o Novo Testamento também menciona o ofício de diácono (**diakonos**), que significa "servo" ou "ministro". Os diáconos não exerciam a função de governo ou ensino da mesma forma que os presbíteros, mas eram essenciais para o cuidado prático e a administração das necessidades da igreja.

- **Atos 6:1-6:** A instituição dos primeiros diáconos (embora o termo não seja usado explicitamente, a função é descrita) surgiu da necessidade de atender às viúvas e garantir que os apóstolos pudessem se dedicar à oração e ao ministério da Palavra. Os diáconos foram escolhidos para servir

às mesas, liberando os apóstolos (e, por extensão, os presbíteros) para suas responsabilidades primárias.

- **1 Timóteo 3:8-13:** Paulo lista as qualificações para os diáconos, que, assim como as dos presbíteros, enfatizam o caráter moral e a fidelidade. Suas responsabilidades incluíam o serviço prático, a administração de recursos e o cuidado com os necessitados.

Os diáconos, portanto, complementavam o trabalho dos presbíteros, permitindo que a igreja funcionasse de forma eficiente e que as necessidades práticas dos membros fossem atendidas. Eles eram parte integrante da estrutura de liderança da igreja local, trabalhando em conjunto com os presbíteros.

A Autoridade dos Líderes Abrangendo Toda a Localidade

Essa abrangência de autoridade não acontecia por causa de um título especial ou de um modelo hierárquico centralizador, mas porque, no padrão observado no Novo Testamento, havia apenas uma única igreja por cidade. Sendo assim, o colegiado de presbíteros e diáconos exercia cuidado e supervisão sobre todos os crentes daquela localidade, independentemente do local específico onde se reunissem.

- **Atos 20:28:** Paulo exorta os presbíteros de Éfeso a pastorear "todo o rebanho" sobre o qual o Espírito Santo os constituiu bispos. Isso implica que sua supervisão abrangia a totalidade dos crentes em Éfeso.

- **Filipenses 1:1:** A saudação de Paulo aos "bispos e diáconos" em Filipos não faz distinção entre grupos de reunião, mas se refere à liderança da igreja como um todo na cidade.

- **Hebreus 13:17:** "Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas". Embora não mencione explicitamente a localidade, o princípio é que os líderes velam pelas almas da congregação à qual pertencem, que, no contexto neotestamentário, era a igreja na cidade.

Mesmo que os crentes se reunissem em diferentes casas dentro da mesma cidade (como veremos no próximo capítulo), eles estavam sob o cuidado e a administração dos mesmos presbíteros e diáconos daquela localidade. A liderança era para a igreja da cidade, e não para "igrejas em casas" separadas com lideranças independentes. Este modelo de liderança plural e abrangente para toda a localidade é um pilar da organização da igreja no Novo Testamento.

CAPÍTULO 3

Locais de Reunião e a Unidade da Igreja

Uma questão frequentemente levantada ao discutir a organização da igreja primitiva é a dos locais de reunião. É sabido que os primeiros cristãos se reuniam em casas, e isso tem levado alguns a inferir que cada "igreja na casa" era uma congregação independente. Porém, uma análise cuidadosa das Escrituras revela que, embora as reuniões em casas fossem uma prática comum, elas não definiam a identidade ou a autonomia de uma igreja local. Pelo contrário, a unidade da igreja na cidade era preservada, independentemente dos múltiplos pontos de encontro.

A Congregação em Casas: Um Fator Histórico e Não Doutrinário

O Novo Testamento registra claramente que os cristãos se reuniam em casas. Isso era uma necessidade prática, dadas as circunstâncias da época, a falta de edifícios próprios para grandes reuniões, a perseguição e a natureza íntima das primeiras comunidades. Exemplos incluem:

- **Romanos 16:5:** Paulo saúda "a igreja que está na casa de Priscila e Áquila".

- **Colossenses 4:15:** Paulo envia saudações a "Ninfa e à igreja que está em sua casa".

- **1 Coríntios 16:19:** "As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos muito no Senhor Áquila e Priscila, com a igreja que está em sua casa."

- **Filemom 1:2:** Paulo se dirige a Filemom, Áfia, Arquipo e "à igreja que está em tua casa".

É importante notar que, em todos esses casos, a expressão "a igreja na casa de" aparece no contexto de saudações ou referências a um local de reunião específico dentro de uma cidade. Ela não indica uma igreja separada ou autônoma da igreja maior na localidade. Pelo contrário, a "igreja na casa" era o ponto de encontro de uma parte da única igreja daquela cidade.

A Unidade Preservada Apesar dos Múltiplos Locais de Reunião

Mesmo em cidades grandes como Roma, onde os crentes se encontravam em diferentes casas (Romanos 16:5, 14-15), a Bíblia ainda se refere a uma única igreja naquela localidade. A unidade da igreja não era comprometida pela multiplicidade de locais de reunião. Isso porque todos os crentes daquela localidade estavam sob o cuidado e a administração dos mesmos presbíteros e diáconos.

- **Atos 20:17, 28:** Os presbíteros de Éfeso eram responsáveis por "todo o rebanho" na cidade, não apenas por um grupo específico que se reunia em uma casa.

- **Hebreus 13:17:** A exortação para obedecer aos "guias" (líderes) e ser submisso a eles implica que esses líderes velavam pelas almas de toda a congregação na localidade.

O fato de os presbíteros serem estabelecidos "em cada igreja" (Atos 14:23) e a "igreja" estar "em cada localidade" (Atos 13:1) significa que, mesmo que houvesse diferentes casas de reuniões naquela localidade, todas elas pertenciam à mesma igreja e estavam sob a supervisão dos mesmos presbíteros. O lugar de reunião era uma questão prática, que podia variar de acordo com as circunstâncias (tamanho da congregação, distância, perseguição, etc.), mas não definia a identidade ou a autonomia da igreja.

O Propósito das Reuniões Conjuntas

Embora as reuniões em casas fossem comuns, o Novo Testamento também sugere a existência de reuniões maiores, onde toda a igreja da cidade se congregava para propósitos específicos. Essas reuniões conjuntas reforçavam a unidade e a identidade da igreja local.

- **1 Coríntios 14:23:** "Se, pois, toda a igreja se reunir num mesmo lugar, e todos falarem em línguas, e entrarem indoutos ou incrédulos, não dirão que estais loucos?" Esta passagem implica que havia momentos em que toda a igreja de Corinto se reunia em um único local.

- **1 Coríntios 11:20:** Ao discutir a Ceia do Senhor, Paulo afirma: "Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é para comer a Ceia do Senhor". Isso sugere que a Ceia era um evento que unia toda a igreja da cidade.

- **1 Coríntios 5:** A disciplina eclesiástica, como a excomunhão, era um ato que envolvia a congregação reunida, demonstrando a autoridade e a unidade da igreja local em suas decisões.

Esses momentos de reunião conjunta serviam para fortalecer a comunhão, a adoração, o ensino e a disciplina de toda a igreja na cidade. Eles eram a expressão visível da unidade que existia entre os crentes daquela localidade, independentemente de se reunirem em grupos menores em casas durante a semana. A ênfase bíblica está na unidade do Corpo de Cristo dentro de uma localidade, e não na fragmentação por locais de reunião.

Esse padrão de unidade local se manteve amplamente até o fim do segundo século, quando divisões doutrinárias e organizacionais começaram a fragmentar as igrejas. A partir daí, múltiplos grupos passaram a existir

numa mesma cidade, algo que não vemos nos tempos apostólicos.

CAPÍTULO 4

CORROBORAÇÃO HISTÓRICA: A Igreja Primitiva e a Unidade Local

A tese de "uma igreja por cidade" não se baseia apenas na exegese bíblica, mas encontra forte apoio nos escritos dos primeiros Pais da Igreja e na prática das comunidades cristãs dos séculos I e II. Embora a organização eclesiástica tenha evoluído, o princípio da unidade local permaneceu central.

Clemente de Roma (Final do Século I)

Clemente de Roma, em sua *Primeira Epístola aos Coríntios* (c. 95 d.C.), escreve para a igreja em Corinto, abordando questões de divisão e liderança. É notável que ele se dirige à "igreja de Deus que reside em Corinto" [1]², usando o singular, mesmo sabendo que a comunidade era grande e provavelmente se reunia em diferentes locais. Clemente ainda usa os termos **episkopos** (bispo) e **presbyteros** (presbítero) de forma intercambiável, assim como no Novo Testamento, indicando que a liderança era plural e exercida por um colegiado de presbíteros/bispos sobre a única igreja na cidade [2]³. Sua preocupação era

² [1] Clemente de Roma. Primeira Epístola aos Coríntios. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/1010.htm>

³ [2] [

a ordem e a unidade da igreja local. Isso confirma que o padrão de uma só igreja por cidade era aceito e praticado.

Inácio de Antioquia (Início do Século II)

Inácio de Antioquia, em suas cartas escritas por volta de 110 d.C., é uma figura crucial para entender a transição e a persistência do conceito de unidade local. Embora Inácio seja conhecido por sua forte defesa do bispo único (monepiscopado), ele o faz no contexto de *uma igreja por cidade*. Para Inácio, o bispo era o centro da unidade e da ortodoxia da igreja local, e todos os presbíteros, diáconos e leigos deveriam se submeter a ele para preservar a unidade contra as heresias [3]⁴.

Ele se dirige a igrejas como a "igreja de Deus que está em Éfeso" ou a "igreja de Deus que está em Esmirna", sempre no singular, mesmo ao enfatizar a autoridade do bispo. Isso demonstra que, mesmo com a emergência de uma figura episcopal mais proeminente, a ideia de uma única igreja por cidade permaneceu fundamental. A figura do bispo único não fragmentou a igreja em múltiplas congregações na mesma cidade, mas serviu para unificar e centralizar a liderança da *única* igreja local.

"Sigam todos ao bispo, como Jesus Cristo ao Pai, e ao presbitério como aos apóstolos.

⁴ [3] Inácio de Antioquia. Cartas. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0107.htm>

Quanto aos diáconos, respeitem-nos como à lei de Deus. Ninguém faça coisa alguma relacionada à Igreja sem o bispo." [4]⁵ - Inácio de Antioquia, *Carta aos Esmirniotas* 8:1-2

Esse testemunho deixa claro que, para Inácio, a igreja de uma cidade deveria estar unida sob uma única liderança, refletindo a unidade do Corpo de Cristo.

Irineu de Lyon (Final do Século II)

Irineu de Lyon, em sua obra *Contra as Heresias* (c. 180 d.C.), também corrobora a ideia de uma igreja por cidade ao traçar a sucessão apostólica através dos bispos nas principais cidades. Ele lista os bispos que presidiram em Roma, Esmirna e outras cidades, não para indicar que havia múltiplas igrejas, mas para provar a continuidade da fé ortodoxa através da liderança da *única* igreja em cada localidade [5]⁶. A sucessão episcopal era vista como uma garantia da doutrina apostólica para a igreja daquela cidade. Ao falar dessa sucessão, Irineu pressupõe a existência de uma única sede episcopal em cada cidade, reforçando que a estrutura era centralizada e não fragmentada.

⁵ [4] Inácio de Antioquia. *Carta aos Esmirniotas*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0107.htm>

⁶ [5] Irineu de Lyon. *Contra as Heresias*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0103.htm>

Esses testemunhos históricos, embora mostrem uma evolução na estrutura de liderança (especialmente com o surgimento do monepiscopado), reforçam o princípio de que a igreja local era entendida como uma entidade singular e unificada em cada cidade. A unidade geográfica era um pilar da identidade eclesial primitiva, e as reuniões em casas eram consideradas parte dessa única igreja, sob a supervisão de sua liderança local.

Além dessa coerência histórica, outro aspecto fundamental da prática da igreja primitiva foi o local das reuniões. Esses encontros, normalmente realizados em casas, reforçavam a natureza única e unida da igreja na cidade...

Reuniões em Casas e a Unidade da Igreja

A prática de os cristãos se reunirem em casas é amplamente atestada não apenas no Novo Testamento, mas também em fontes históricas e arqueológicas. Essa prática era uma necessidade e uma característica distintiva do cristianismo primitivo, mas nunca significou a fragmentação da igreja em múltiplas entidades independentes dentro de uma mesma cidade.

Evidências Arqueológicas e Históricas

- **Ausência de Edifícios Eclesiásticos Próprios:**

Nos primeiros séculos, não havia edifícios construídos especificamente para o culto cristão. As reuniões ocorriam em casas particulares, que eram adaptadas para esse fim. As primeiras igrejas-edifício (basílicas) só começaram a surgir após o Edito de Milão em 313 d.C., quando o cristianismo foi legalizado [6]⁷. Isso reforça que as reuniões em casas eram a norma.

- **Casas-Igreja (Domus Ecclesiae):** Evidências arqueológicas, como a casa-igreja de Dura Europos (c. 232 d.C.), mostram que casas comuns eram adaptadas para o culto cristão, com salas maiores para reuniões e batistérios. Essas casas serviam como centros para a comuni-

⁷ [6] Chadwick, Henry. The Early Church. Penguin Books, 1993.

dade cristã local, mas ainda assim eram parte da única igreja na cidade [7]⁸.

Testemunhos dos Pais da Igreja

- **Justino Mártir (c. 150 d.C.):** Em sua *Primeira Apologia*, Justino descreve as reuniões cristãs, que ocorriam aos domingos. Ele não menciona múltiplos bispos ou congregações independentes na mesma cidade, mas uma reunião unificada sob a liderança de um "presidente" (o bispo) [8]⁹. Isso sugere que, mesmo com a dispersão dos crentes em diferentes casas, havia um senso de unidade e uma liderança centralizada para a igreja da cidade.

- **Tertuliano (final do século II/início do século III):** Em *Apologeticum*, Tertuliano descreve as reuniões cristãs, enfatizando a unidade e a comunhão dos crentes. Ele fala de um "corpo" (corpus) de crentes que se reúne para oração, leitura das Escrituras e comunhão, sem indicar divisões por locais de reunião [9]¹⁰.

Essas evidências históricas e arqueológicas corroboram a visão bíblica de que as reuniões em casas eram

⁸ [7] White, L. Michael. *The Social Origins of Christian Architecture*, Vol. 1: *Building God's House in the Roman World*. Harvard Theological Studies, 1990.

⁹ [8] Justino Mártir. *Primeira Apologia*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0126.htm>

¹⁰ [9] Tertuliano. *Apologeticum*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/fathers/0301.htm>

uma prática comum e necessária, mas que a identidade da igreja local permanecia singular em cada cidade. A unidade da igreja não era definida pelo edifício, mas pela comunhão de todos os crentes em uma determinada localidade, sob a supervisão de sua liderança plural.

CAPÍTULO 5

O Surgimento do Denominacionalismo e a Realidade da Fragmentação

Se o modelo observado no Novo Testamento para a igreja local é o de uma única congregação por cidade, composta por todos os crentes daquela localidade e liderada por um colegiado de presbíteros e diáconos, como então chegamos à realidade atual de múltiplas "igrejas" e denominações em uma mesma cidade? A resposta reside em um complexo processo histórico, teológico e social que se desenrolou ao longo dos séculos, especialmente após a Reforma Protestante.¹¹

A Evolução Pós-Apostólica e o Monepiscopado

Conforme mencionado na análise histórica, o modelo de liderança plural do Novo Testamento começou a transitar para o monepiscopado (um bispo único por cidade) já no final do século I e início do século II. Essa transição, embora não bíblica em sua forma final, foi impulsionada por fatores como a necessidade de combater here-sias, a busca por maior unidade e ordem em comunida-

¹¹ Aqui reside a ironia trágica da fragmentação: a maioria dos grupos surgiu de uma tentativa sincera de ser 'mais bíblico', mas ao fazê-lo, inevitavelmente incorreram em alguma forma de exclusivismo para justificar a sua própria existência separada. Assim, qualquer novo grupo, independentemente da sua pureza doutrinária, arrisca-se a tornar-se mais um sintoma da própria 'confusão' que procura resolver, perpetuando o ciclo de divisão em vez de restaurar a unidade visível do Corpo de Cristo.

des crescentes, e a influência de modelos administrativos romanos [10]¹².

Entretanto, mesmo com a ascensão do bispo único, a ideia de uma igreja estruturalmente unificada por cidade permaneceu como o ideal. Este modelo só começou a fraturar-se quando as divisões doutrinárias levaram à criação de **hierarquias eclesiásticas concorrentes na mesma localidade**. As primeiras rupturas massivas ocorreram após o Concílio de Calcedónia (451 d.C.), que resultou em bispos rivais, e aprofundaram-se com o Grande Cisma de 1054, que dividiu formalmente o cristianismo Ocidental e Oriental. (Needham, 2016; Schaff, 2015)

Primeira Grande Ruptura: As Controvérsias Cristológicas e o Cisma Pós-Calcedónia

A primeira onda de fragmentação institucional foi o resultado de intensos debates sobre a identidade de Jesus Cristo. A luta para definir a "crença correta" (ortodoxia) levou à convocação de concílios que, ao tentarem unificar a Igreja, acabaram por formalizar as suas primeiras grandes divisões. (Lane, 2009)

¹² [10] Gonzalez, Justo L. A História do Cristianismo, Vol. 1: Das Origens aos Tempos Medievais. ASTE, 2007.

Contexto das Controvérsias:

O debate começou a sério com o **Arianismo (Século IV)**, que ensinava que Jesus era uma criatura divina, mas não igual a Deus Pai. O Concílio de Niceia (325 d.C.) condenou esta visão. A discussão evoluiu para a relação entre as naturezas divina e humana de Cristo. A **Controvérsia em torno de Nestório (Século V)** surgiu da sua preocupação com o título "**Mãe de Deus**" (**Theotokos**), temendo que este confundisse as naturezas. Os seus oponentes acusaram-no de dividir Cristo em duas pessoas, o que foi condenado no Concílio de Éfeso (431 d.C.), levando à separação da **Igreja Assíria do Oriente**. (González, 2010; Needham, 2016)

A Ruptura de Calcedónia:

Em reação, surgiu o **Monofisismo**, a ideia de que a natureza divina de Cristo absorveu a sua natureza humana. Para resolver todas estas questões, o **Concílio de Calcedónia (451 d.C.)** formulou a doutrina da "**União Hipostática**": Cristo é uma pessoa em duas naturezas, divina e humana. Esta decisão, contudo, causou a ruptura mais significativa até então. Igrejas inteiras no Egito, Síria e Arménia rejeitaram esta fórmula, não por se considerarem hereges, mas por acreditarem que ela comprometia a unidade de Cristo. O resultado foi a criação de hierarquias paralelas e concorrentes, com bispos "**Calcedonianos**" e "**Não-Calcedonianos**" na mesma cidade, dando origem

às **Igrejas Ortodoxas Orientais**, que existem até hoje. (MacCulloch, 2010; Schaff, 2015)

Essa duplicação de lideranças locais marcou uma das primeiras quebras visíveis do padrão apostólico de uma única igreja por cidade, abrindo caminho para o modelo fragmentado que se veria nos séculos seguintes.

Segunda Grande Ruptura: O Cisma do Oriente (1054)

A segunda grande divisão partiu o cristianismo que permanecia unido em dois grandes blocos: o Ocidente (Católico Romano) e o Oriente (Ortodoxo). Embora 1054 seja a data simbólica, as tensões vinham a acumular-se há séculos. (González, 2010; MacCulloch, 2010)

As causas foram uma mistura complexa de fatores:

1. Disputa de Autoridade (Primazia): A principal causa foi a crescente reivindicação do Bispo de Roma (o Papa) de ter autoridade universal, algo que o Oriente, que via o Papa como "o primeiro entre iguais", nunca aceitou.

2. Diferenças Teológicas: A mais famosa é a adição unilateral da cláusula **Filioque** ("e do Filho") ao Credo pela Igreja Ocidental, que o Oriente considerou uma violação teológica e canônica.

3. Diferenças Culturais e Litúrgicas: O distanciamento entre o Ocidente de língua latina e o Oriente de língua grega manifestou-se em práticas distintas (pão ázimo vs. pão levedado, celibato clerical, etc.), que aprofundaram a ruptura.

A mútua excomunhão de 1054 formalizou a separação, resultando em duas igrejas distintas que se viam, cada uma, como a única e verdadeira Igreja. Com isso, cidades importantes do mundo cristão passaram a abrigar comunidades que já não se reconheciam mutuamente, uma ruptura frontal com a unidade local observada no Novo Testamento.

A Fragmentação Pré-Reforma: Hierarquias Concorrentes e Movimentos de Protesto

O resultado prático destas duas grandes rupturas foi que, muito antes de Lutero, o ideal de "uma igreja por cidade" já estava quebrado. No Oriente Médio, cidades como Antioquia e Jerusalém passaram a ter múltiplos patriarcas e bispos (Ortodoxos, Coptas, Siríacos, Católicos Latinos) a clamar a mesma liderança.

Dentro da própria Europa Ocidental, a autoridade da Igreja Romana começou a ser desafiada por movimentos que são hoje considerados precursores diretos da Reforma. Estes grupos formaram comunidades paralelas que

funcionavam como "igrejas" alternativas. (Needham, 2017). Mesmo sendo motivados por preocupações legítimas, esses movimentos reforçaram a ideia de que múltiplas igrejas podiam coexistir na mesma localidade, consolidando a ruptura com o modelo original.

- **Os Valdenses (Século XII):** Originários da França, pregavam a pobreza e o acesso dos leigos às Escrituras. Excomungados, tornaram-se um movimento clandestino com comunidades secretas nos Alpes, rejeitando a autoridade dos bispos locais.

- **Os Lolardos (Século XIV):** Seguidores de John Wycliffe na Inglaterra, criticavam a riqueza da Igreja e a autoridade papal. Perseguidos, formaram uma "igreja subterrânea" que se reunia em segredo para ler a Bíblia na sua própria língua.

- **Os Hussitas (Século XV):** Este movimento na Boémia, inspirado por Jan Hus, foi o caso mais radical. Após as Guerras Hussitas, eles estabeleceram com sucesso uma igreja nacional hussita, uma denominação de facto com os seus próprios bispos e práticas, rompendo com Roma um século antes de Lutero. (Hus, 1915; MacCulloch, 2017)

Portanto, quando Martinho Lutero afixou as suas 95 Teses em 1517, ele não estava a escrever numa página em branco. Ele fazia parte de uma longa história de debates teológicos, lutas de poder e movimentos de reforma que já tinham fragmentado e desafiado a unidade da Igreja cristã de formas profundas e duradouras. (González, 2014)

A Reforma Protestante e o Início da Fragmentação mais significativa

A fragmentação mais significativa do cristianismo ocidental ocorreu com a Reforma Protestante no século XVI. Embora os Reformadores buscassem retornar às Escrituras e corrigir abusos e desvios doutrinários da Igreja Católica Romana, o resultado foi a formação de diversas tradições eclesiásticas distintas:

- **Diferenças Doutrinárias:** Questões como a justificação pela fé, a autoridade das Escrituras, a natureza dos sacramentos e o governo da igreja levaram a interpretações divergentes e à formação de grupos com identidades teológicas próprias (luteranos, reformados, anabatistas, anglicanos, etc.) [11]¹³.

- **Fatores Políticos e Sociais:** A Reforma também teve fortes implicações políticas, com príncipes e nações

¹³ [11] McGrath, Alister E. Teologia Histórica: Uma Introdução à História do Pensamento Cristão. Shedd Publicações, 2007.

adotando diferentes vertentes do protestantismo, o que consolidou a divisão. A invenção da imprensa e a maior acessibilidade da Bíblia também contribuíram para a diversidade de interpretações.

Essas divisões iniciais deram origem ao que hoje conhecemos como **denominacionalismo**, a organização de cristãos em grupos distintos, cada um com sua própria doutrina, governo e práticas, muitas vezes com nomes que os identificam (MacCulloch, 2017). O termo "denominação" implica uma parte do todo, mas na prática, muitas vezes levou a uma mentalidade de exclusividade. Na prática, essa mentalidade normalizou a existência de várias "igrejas" numa mesma cidade, já não vistas como expressão conjunta de um só corpo, mas como unidades separadas e autossuficientes.

A Proliferação de Denominações e o Sectarismo Moderno

Ao longo dos séculos, o processo de fragmentação continuou, impulsionado por:

- **Novos Movimentos de Reavivamento:** Grandes avivamentos (como o Metodismo no século XVIII ou o Pentecostalismo no século XX) deram origem a novas denominações, muitas vezes em resposta a uma percep-

ção de formalismo ou falta de fervor nas igrejas existentes [12]¹⁴.

- **Diferenças em Práticas e Ênfases:** Divergências sobre questões como o batismo (infantil vs. de crentes), a forma de governo da igreja (episcopal, presbiteriana, congregacional), a escatologia, ou até mesmo preferências de forma de servir, levaram à formação de novos grupos.

- **Fatores Culturais e Sociais:** A adaptação do cristianismo a diferentes culturas e contextos sociais, bem como questões sociais (como a escravidão ou os direitos civis), também contribuíram para a diversificação e, por vezes, para a divisão.

- **Liberdade Religiosa:** Em países com liberdade religiosa, a proliferação de grupos é facilitada, pois não há uma igreja estatal que imponha uniformidade.

O resultado é a realidade atual, onde uma única cidade pode ter dezenas ou centenas de "igrejas" com nomes distintos (ex: "Igreja Batista", "Assembleia de Deus", "Igreja Presbiteriana", "Igreja Pentecostal", etc.). Essa proliferação, embora possa ser vista como um sinal de vitalidade e liberdade, também levanta questões sobre a unidade do Corpo de Cristo.

O sectarismo surge quando um grupo se considera a única expressão verdadeira da igreja em uma localidade,

¹⁴ [12] Noll, Mark A. *Turning Points: Decisive Moments in the History of Christianity*. Baker Academic, 2000.

ou quando nega a legitimidade de outros grupos de crentes. Isso se manifesta na linguagem ("nossa igreja é a única correta"), na falta de comunhão e cooperação, e na criação de barreiras artificiais entre irmãos em Cristo. Essa mentalidade de exclusividade, que muitas vezes acompanha o denominacionalismo, é o verdadeiro desvio do modelo observado no Novo Testamento de unidade local, pois ignora o fato de que todos os crentes em uma cidade, independentemente de seu grupo de reunião, fazem parte da única "igreja em [cidade]".

CAPÍTULO 6

Uma Mentalidade Inclusiva

Diante da realidade da fragmentação e do denominacionalismo, o desafio para a igreja contemporânea não é buscar uma uniformidade artificial ou um ecumenismo que dilua as verdades doutrinárias, mas sim cultivar uma **mentalidade inclusiva** que reconheça a unidade fundamental do Corpo de Cristo em cada localidade, mesmo em meio à diversidade de expressões.

A Unidade que Já Existe em Cristo

É crucial partir do pressuposto de que a unidade do Corpo de Cristo não é algo que precisamos *criar*, mas algo que já *existe* em virtude da nossa união com Cristo. Paulo exorta os crentes a "preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Efésios 4:3). Isso significa que a unidade é um dom divino que deve ser diligentemente mantido, e não uma meta a ser alcançada através de fusões organizacionais.

Princípios de uma Mentalidade Inclusiva

Uma mentalidade inclusiva para a igreja local se baseia nos seguintes princípios:

1. **Reconhecimento da "Igreja em [Cidade]":** Continuar a afirmar que, biblicamente, existe uma única "igre-

ja em [cidade]", composta por todos os crentes verdadeiros naquela localidade. Isso significa que, independentemente do grupo de reunião, todos os que professam a fé em Cristo e vivem de acordo com os princípios bíblicos são parte dessa única entidade local.

2. Valorização da Diversidade de Expressões: Reconhecer que a diversidade de dons, ministérios, estilos de adoração e até mesmo de ênfases doutrinárias (em pontos não essenciais) é uma riqueza do Corpo de Cristo. Diferentes grupos podem alcançar diferentes segmentos da sociedade e expressar a fé de maneiras variadas, sem que isso negue a unidade fundamental.

3. Foco no Essencial, Liberdade no Não Essencial: Priorizar a unidade em torno das verdades centrais do evangelho (a divindade de Cristo, a salvação pela graça mediante a fé, a autoridade das Escrituras, etc.). Em questões secundárias, deve haver liberdade e respeito pelas diferentes convicções, evitando que elas se tornem barreiras para a comunhão.

4. Comunhão e Cooperação, Não Fusão: A mentalidade inclusiva promove a comunhão e a cooperação entre os diferentes grupos de crentes na mesma cidade.

5. Rejeição do Sectarismo e da Exclusividade: Combater ativamente a mentalidade que leva um grupo a se considerar a única expressão legítima da igreja em uma localidade, ou a negar a fé e a legitimidade de outros crentes em Cristo. Isso implica em uma linguagem que não exclua e em uma postura de humildade e amor.

A Inevitabilidade de Múltiplos Grupos e a Necessidade de um Espírito Inclusivo

É uma realidade prática que, em muitas cidades, existem e continuarão a existir múltiplos grupos de crentes, com diferentes nomes e afiliações. Tentar forçar uma unificação organizacional rígida pode ser contraproducente e gerar mais divisões. A solução não está em eliminar a diversidade, mas em abraçar a unidade que transcende as estruturas.

- **Diversidade de Dons e Chamados:** Deus distribui dons e chamados de maneiras diversas. Diferentes grupos podem ter ênfases ministeriais específicas que atendem a necessidades variadas da comunidade e do Corpo de Cristo.

- **Preferências e Contextos:** As pessoas têm diferentes preferências de estilo de adoração, ensino e comunhão. Além disso, diferentes contextos sociais e culturais podem exigir abordagens distintas para o evangelismo e o discipulado.

- **Crescimento e Dispersão:** À medida que a igreja cresce, a dispersão em múltiplos locais de reunião (e, eventualmente, em diferentes congregações) torna-se uma necessidade prática para acomodar o número crescente de crentes e para alcançar diferentes áreas da cidade.

Nesse cenário, o espírito inclusivo se torna a chave. Em vez de ver outros grupos de crentes como "concorrência" ou "inimigos", devemos vê-los como irmãos e irmãs em Cristo, parceiros no Reino de Deus, cada um contribuindo para a edificação da "igreja em [cidade]". A oração de Jesus em João 17:21, "para que todos sejam um... para que o mundo creia", é um chamado à unidade que se manifesta no amor e na cooperação, mesmo em meio à diversidade de expressões.

CONCLUSÃO

Ao final desta jornada pelas Escrituras e pela história da Igreja, torna-se evidente que o padrão divino para a organização da igreja local é o da unidade em uma determinada localidade geográfica. Vimos que a Bíblia consistentemente se refere a "uma igreja por cidade", composta por todos os crentes daquela área, sob a liderança de um colegiado de presbíteros e diáconos. A multiplicidade de locais de reunião, como as casas, era uma questão prática e não um fator de divisão ou de autonomia eclesiástica.

Reconhecemos que o surgimento do denominacionalismo, impulsionado por fatores históricos, teológicos e sociais, levou à fragmentação do cristianismo em múltiplos grupos. No entanto, essa realidade não anula o princípio bíblico da unidade local. Pelo contrário, ela nos chama a cultivar uma **mentalidade inclusiva**, que reconheça a unidade fundamental do Corpo de Cristo em cada localidade, mesmo em meio à diversidade de expressões e a inevitabilidade de múltiplos grupos.

Restaurar o modelo observado no Novo Testamento de unidade e inclusão não significa buscar uma uniformidade artificial ou um ecumenismo que dilua as verdades essenciais da fé. Significa, antes, abraçar a unidade que já existe em Cristo, focando no essencial, valorizando a diversidade de dons e chamados, e promovendo ativa-

mente a comunhão e a cooperação entre os diferentes grupos de crentes na mesma cidade. É um chamado a rejeitar o sectarismo e a exclusividade, e a viver em amor e respeito mútuo.

Que o Senhor nos capacite a viver e praticar essa verdade, para que o mundo creia e a glória de Deus seja manifesta através de uma Igreja unida em Cristo, que reflète Sua diversidade e Seu amor, sendo um testemunho poderoso em cada localidade.

ANEXO A: O Modelo Neotestamentário de Igreja Local e a Crítica às Práticas Exclusivistas

Este anexo aprofunda o modelo de igreja observado no Novo Testamento, contrastando-o com práticas contemporâneas que, mesmo com boas intenções, podem levar à fragmentação e ao exclusivismo.

O Padrão Bíblico da Igreja Local

O Novo Testamento, embora não prescreva uma regra absoluta, descreve um padrão consistente de como a igreja era identificada e organizada. A identidade primária da comunidade era a sua unidade em Cristo numa determinada cidade ou região, e não a sua afiliação a um grupo ou nome específico.

1. A Identidade da Igreja era Geográfica, não Denominacional:

A igreja era consistentemente referida pela sua localização, abrangendo todos os crentes daquela área.

- **Igreja numa Cidade Específica:** As cartas eram endereçadas "à igreja de Deus que está em Corinto" (1 Coríntios 1:2) ou "à igreja dos tessalonicenses" (1 Tessalonicenses 1:1).

- **Igrejas numa Província:** Quando uma carta era enviada a uma província, como a Galácia (Gálatas 1:2),

ela se destinava ao conjunto das igrejas nas cidades daquela região.

- **Liderança para a Localidade:** A liderança servia a toda a igreja da cidade. A saudação de Paulo "a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos" (Filipenses 1:1) sugere uma liderança para a totalidade dos crentes daquela localidade.

2. A "Igreja na Casa" como Parte do Todo:

A menção de igrejas que se reuniam em casas (Romanos 16:5; 1 Coríntios 16:19) não contradiz o princípio de unidade. Eram células da única igreja da cidade, reunindo-se em locais diferentes por razões práticas, mas ainda pertencendo à mesma comunidade eclesial local.

3. Evidência Geográfica: Igrejas nas Províncias Romanas

A abrangência das viagens missionárias dos apóstolos estabeleceu comunidades de crentes por todo o Império Romano, sempre identificadas pela sua cidade ou província:

- **Província da Ásia:** Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia (as sete igrejas do Apocalipse) e Colossos.

- **Província da Judeia:** Jerusalém (o ponto de partida da igreja) e Cesareia.

- **Província da Galácia:** Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe.
- **Província da Macedônia:** Filipos, Tessalônica e Bereia.
- **Província da Acaia:** Corinto e o seu porto, Cenchreia.
- **Província da Itália:** Roma.
- **Província da Síria:** Antioquia (base missionária de Paulo).
- **Província da Cilícia:** Tarso (cidade natal de Paulo).
- **Província da Panfília:** Perge.
- **Província da Capadócia:** Embora sem cidades específicas mencionadas, os crentes da província são saudados como um grupo em 1 Pedro 1:1.

Análise Crítica das Práticas Exclusivistas Atuais

A situação atual frequentemente se desvia deste modelo, mesmo em grupos que buscam ser fiéis às Escrituras. A seguir, identificamos os problemas decorrentes dessa mudança.

Problemas Identificados:

1. Divisão por Nome:

Quando um grupo adota um nome específico, como "Comunidade do Rocha", ele cria uma identidade que, por

definição, o distingue de outros crentes na mesma localidade. Este ato de nomeação, mesmo que prático, é o primeiro passo para a fragmentação, pois nega a identidade inclusiva de "a igreja no Rocha".

2. Exclusividade e Sectarismo:

Assumir que apenas os crentes que se reúnem em um determinado grupo formam "a igreja" daquela localidade é uma postura sectária. Isso exclui outros cristãos que também fazem parte do Corpo de Cristo, mas que não congregam no mesmo local ou da mesma maneira.

3. Denominacionalismo Não Intencional:

Ao usar nomes e estruturas específicas para se distinguir de outros, um grupo está, essencialmente, criando uma denominação. Mesmo que o termo seja evitado, a prática de se organizar como uma entidade separada e distinta dentro de uma mesma localidade é a essência do denominacionalismo.

4. Liderança Restrita:

Quando presbíteros e diáconos são reconhecidos como líderes apenas de um grupo específico, e não como um ofício para servir a todos os crentes da localidade, o modelo bíblico de liderança é reduzido. A liderança passa a ter um caráter corporativo e restrito, em vez de pastoral e geográfico.

5. Confusão de Identidade:

Usar o nome de uma localidade de forma exclusiva para se referir a um único grupo causa confusão. Para outros crentes, soa como uma reivindicação de ser a única expressão verdadeira da fé naquela área. Para o mundo, apresenta um testemunho dividido.

6. Perda da Unidade Visível:

A consequência final de todas estas práticas é a erosão da unidade visível que a igreja deve manifestar. A igreja, que deveria ser um pilar de unidade, acaba por espelhar a fragmentação da sociedade.

Caminho para a Resolução:

Para reverter essa tendência, é necessário reconsiderar a forma como os crentes se identificam e se relacionam, promovendo ativamente a unidade do Corpo de Cristo.

Usar Termos Inclusivos: Referir-se à igreja em termos que incluam todos os crentes da localidade, evitando a exclusividade.

Reconhecer Todos os Crentes: Tratar todos os cristãos da localidade como parte da mesma igreja, independentemente de onde se reúnem.

Promover a Unidade Prática: Trabalhar ativamente para a cooperação e o reconhecimento mútuo entre os diferentes grupos de crentes na localidade.

Refletir sobre estas questões é um passo vital para viver de maneira mais fiel ao modelo bíblico de igreja, promovendo a unidade e a inclusão de todos os crentes em cada localidade.

ANEXO B: Desconstruindo o Conceito de "Denominação"

Uma barreira comum para reconhecer a própria fragmentação é uma compreensão limitada do que constitui uma "denominação". Este anexo visa clarificar que o denominacionalismo é definido pela sua função e mentalidade, e não pela sua escala.

O Equívoco Comum: Denominação como Organização Global

Muitos crentes associam o termo "denominação" exclusivamente a grandes organizações eclesiais, transnacionais e historicamente estabelecidas, como os Batistas, Metodistas, Presbiterianos ou a Assembleia de Deus. A percepção é que, se um grupo não pertence a uma destas "marcas" globais, com uma estrutura hierárquica formal que abrange vários países, então ele não é uma denominação.

Este pensamento, embora compreensível, é fundamentalmente equivocado. Ele confunde a escala de um grupo com a sua natureza.

A Verdadeira Natureza do Denominacionalismo:

O denominacionalismo, na sua essência, não é definido pelo tamanho, mas sim pelo ato de "denominar-se", ou seja, de adotar um nome e uma identidade que o separa e distingue de outros crentes na mesma localidade.

Um grupo torna-se uma denominação, na prática, quando exhibe as seguintes características, independentemente de ter 30 membros numa única cidade ou 30 milhões em todo o mundo:

1. Identidade Exclusiva: O grupo adota um nome (seja "Comunidade X", "Igreja Bíblica Y" ou "Grupo do Bairro Z") que o define em oposição a outros cristãos. A identidade do grupo passa a ser a sua principal referência, acima da identidade comum de "a igreja em [cidade]".

2. Governo Restrito: A autoridade da sua liderança (presbíteros, pastores, diáconos) é reconhecida como válida apenas para os membros que frequentam aquele grupo específico. A liderança serve "a nossa igreja", não "a igreja da cidade".

3. Fronteiras de Comunhão: Existem barreiras, formais ou informais, que definem quem "pertence" ao grupo e quem está "de fora". A participação em ordenan-

ças como a Ceia do Senhor ou a submissão à disciplina eclesiástica são limitadas aos seus próprios membros.

4. Justificação da Existência Separada: O grupo, para justificar a sua existência como uma entidade distinta, precisa de manter doutrinas ou práticas que o diferenciam dos demais, reforçando a sua separação.

Um grupo local e independente que se autodenomina, que tem uma liderança que serve apenas aos seus, e que se vê como uma entidade separada dos outros crentes da mesma cidade, está a operar como uma denominação em microescala.

A única diferença entre este grupo e uma denominação global é o alcance geográfico e a estrutura administrativa. A mentalidade de separação e a função de fragmentar o Corpo de Cristo local são idênticas. Portanto, a crítica feita no Anexo A aplica-se a qualquer grupo que se encaixe nesta descrição funcional, e não apenas às grandes denominações históricas.

ANEXO C: "Igreja Local" — A Diferença Crucial entre o Modelo Bíblico e o Uso Moderno

O termo "igreja local" é central para o debate sobre o denominacionalismo. Contudo, o seu significado foi sutilmente alterado no discurso evangélico moderno, levando a uma grande confusão. Este anexo clarifica a diferença fundamental entre o conceito bíblico de "igreja local" e o uso contemporâneo do termo para descrever grupos independentes.

1. A "Igreja Local" no Novo Testamento

Como detalhado no Anexo A, o padrão observado no Novo Testamento define a "igreja local" de uma forma específica:

- **Definição:** A totalidade de todos os crentes em Cristo que residem numa determinada cidade ou localidade geográfica (e.g., "a igreja em Jerusalém", "a igreja de Deus que está em Corinto").

- **Natureza:** É um conceito inclusivo. A sua única fronteira é geográfica e espiritual (a fé em Cristo). Se alguém era um crente e vivia em Corinto, essa pessoa fazia parte da igreja em Corinto.

- **Unidade:** Apesar de se reunirem em múltiplos lares, todos os crentes eram vistos como uma única entida-

de, sob um único governo de presbíteros que serviam a toda a cidade. A unidade era territorial.

- **Função do Termo:** O termo "local" servia para distinguir a igreja de uma cidade (Éfeso) da igreja de outra cidade (Esmirna), não para distinguir um grupo de crentes de outro grupo de crentes dentro da mesma cidade.

Em resumo, no modelo bíblico, a "igreja local" era a expressão visível e unificada do Corpo de Cristo universal numa determinada localidade.

2. A "Igreja Local Independente" no Uso Moderno: Um Conceito Sociológico e Exclusivo

Hoje, o termo "igreja local" é frequentemente usado para descrever uma entidade completamente diferente:

Definição: Uma congregação ou grupo específico, com nome próprio, liderança própria, orçamento próprio e membros próprios, que se reúne num determinado edifício ou local. É definida pela sua organização e afiliação voluntária.

Natureza: É um conceito exclusivo. As suas fronteiras são sociológicas. Para fazer parte desta "igreja local", não basta ser um crente que vive na cidade; é preciso "filiar-se" ou "congregar" com aquele grupo específico, em detrimento de outros.

Independência: O termo "independente" é usado para significar que o grupo não está formalmente ligado a uma hierarquia denominacional maior (como a Batista ou a Presbiteriana) e de administração exclusiva. No entanto, essa "independência" é precisamente o que a estabelece como uma entidade separada e autônoma em relação aos outros crentes da mesma cidade.

Função do Termo: O termo "local" serve para distinguir este grupo específico (e.g., "a nossa igreja local") de outros grupos ou "igrejas locais" que existem na mesma cidade.

Em resumo, no uso moderno, a "igreja local independente" é uma corporação ou associação voluntária de crentes que se organiza de forma separada de outros crentes na mesma localidade.

A Ironia da "Igreja Local Independente"

A ironia é que o uso moderno do termo "igreja local independente" para se distinguir de uma denominação é, na verdade, a descrição perfeita de uma denominação em microescala.

Ao definir-se como uma entidade independente e separada dos outros crentes na mesma cidade, ela cumpre a função primária de uma denominação: fragmentar o Corpo de Cristo local.

Ela reivindica para si o título de "igreja local", quando, segundo o padrão bíblico, ela é apenas uma parte da verdadeira igreja local, que deveria incluir todos os santos daquela cidade.

Portanto, a distinção não é entre ser uma "denominação" e ser uma "igreja local". A verdadeira distinção é entre o modelo bíblico de uma igreja unificada por cidade e a realidade atual de múltiplas "igrejas locais" (denominações) concorrentes na mesma cidade.

ANEXO D: Rumo à Unidade — Princípios Práticos para Grupos Abertos à Visão da Igreja na Cidade

Após diagnosticar a fragmentação histórica, surge a questão prática: como começar a viver a unidade local? É crucial reconhecer uma realidade: as grandes denominações estabelecidas, com as suas próprias estruturas de governo e eclesiologias, provavelmente não participarão desta visão de unidade local nos termos aqui descritos.

Portanto, os princípios a seguir não são um plano para uma fusão ecuménica de todas as igrejas, mas sim um guia para crentes e grupos que já se encontram fora dessas estruturas e que buscam sinceramente uma expressão mais bíblica da igreja. O foco é iniciar um movimento de unidade a partir da base, entre aqueles que já partilham de uma inquietação semelhante.

1. O Ponto de Partida: Identificar os "Ortodoxos da Cidade"

O primeiro passo não é tentar unir todos, mas identificar aqueles que, independentemente do rótulo, partilham da mesma fé ortodoxa e de um coração aberto para a unidade.

Ação Prática: Em vez de olhar para as placas das igrejas, os líderes de grupos independentes devem procurar ativamente outros líderes e crentes na sua cidade que

afirmem os fundamentos da fé (a Trindade, a divindade de Cristo, a salvação pela graça mediante a fé, a autoridade das Escrituras) e que demonstrem um desejo de transcender o tribalismo. Estes são os "ortodoxos da cidade" com quem a unidade é possível.

2. Mudar a Mentalidade: De "Igreja Independente" para "Parte da Igreja da Cidade"

A mudança de paradigma é interna e fundamental.

Deixar de pensar: "Somos uma igreja local independente."

Começar a pensar: "Somos um grupo de crentes que faz parte da única igreja que está em [nome da cidade], e estamos a procurar ativamente os outros membros dessa mesma igreja."

Esta mentalidade transforma a "independência" de um motivo de orgulho para um estado de isolamento a ser superado.

3. Construir Relações, Não Estruturas

A unidade não começa com a criação de uma nova super-estrutura organizacional, o que seria apenas criar mais uma denominação. Ela começa com relações de confiança.

Ação Prática: Líderes dos grupos "abertos" devem comprometer-se a encontrar-se regularmente para ora-

ção, estudo e comunhão pessoal. O objetivo inicial não é "fazer coisas juntos", mas "ser um juntos" em espírito e amizade. A confiança mútua é o alicerce de qualquer unidade futura.

4. Praticar a Submissão e o Reconhecimento Mútuo

Este é o passo mais radical e o verdadeiro teste de humildade.

Ação Prática: Quando surge uma questão doutrinária ou um problema pastoral complexo num grupo, os seus líderes podem, voluntariamente, procurar o conselho dos líderes de outros grupos irmãos na cidade. Este ato de submissão mútua demonstra que eles se reconhecem como parte de um presbitério mais amplo da cidade, quebrando o ciclo do isolacionismo.

5. Servir a Cidade Juntos

O testemunho mais poderoso para o mundo e para as próprias denominações estabelecidas é a unidade em ação.

Ação Prática: Os grupos alinhados podem identificar uma necessidade na cidade e criar uma iniciativa conjunta para a suprir, não sob a bandeira de um grupo, mas sob o nome de "os crentes da cidade de [nome da

cidade]". Isto torna a unidade visível e demonstra a sua beleza e poder.

A restauração da unidade visível da igreja não acontecerá de cima para baixo, através de decretos denominacionais. Ela começará de baixo para cima, entre crentes e grupos que estão dispostos a abandonar a sua identidade isolada em favor da sua identidade comum em Cristo na sua cidade. Ao viverem estes princípios, eles não se tornam apenas uma "alternativa", mas um farol que ilumina o caminho de volta para o modelo bíblico, um testemunho vivo que pode, eventualmente, provocar e inspirar outros a reconsiderarem as suas próprias barreiras.

BIBLIOGRAFIA

- A Bíblia Sagrada (diversas traduções)
- [1] Clemente de Roma. *Primeira Epístola aos Coríntios*. Disponível em:
<https://www.newadvent.org/fathers/1010.htm>
- [2] Ibid.
- [3] Inácio de Antioquia. *Cartas*. Disponível em:
<https://www.newadvent.org/fathers/0107.htm>
- [4] Inácio de Antioquia. *Carta aos Esmirniotas*. Disponível em:
<https://www.newadvent.org/fathers/0107.htm>
- [5] Irineu de Lyon. *Contra as Heresias*. Disponível em:
<https://www.newadvent.org/fathers/0103.htm>
- [6] Chadwick, Henry. *The Early Church*. Penguin Books, 1993.
- [7] White, L. Michael. *The Social Origins of Christian Architecture, Vol. 1: Building God's House in the Roman World*. Harvard Theological Studies, 1990.
- [8] Justino Mártir. *Primeira Apologia*. Disponível em:
<https://www.newadvent.org/fathers/0126.htm>
- [9] Tertuliano. *Apologeticum*. Disponível em:
<https://www.newadvent.org/fathers/0301.htm>
- [10] Gonzalez, Justo L. *A História do Cristianismo, Vol. 1: Das Origens aos Tempos Medievais*. ASTE, 2007.
- [11] McGrath, Alister E. *Teologia Histórica: Uma Introdução à História do Pensamento Cristão*. Shedd Publicações, 2007.

- González, J. L. (2010). The Story of Christianity, Vol. 1: The Early Church to the Dawn of the Reformation. HarperOne.

- González, J. L. (2014). História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Mártires até A Era dos Sonhos Frustrados (Edição revista e atualizada). Vida Nova.

- Hus, J. (1915). The Church. (D. S. Schaff, Trad. e Ed.). Charles Scribner's Sons. (Obra original publicada c. 1413).

- Lane, T. (2009). Pensamento Cristão: De Justino Mártir a Calvino. (V. G. Martins, Trad.). Abba Press.

- MacCulloch, D. (2010). A History of Christianity: The First Three Thousand Years. Penguin Books.

- MacCulloch, D. (2017). Reformation: Europe's House Divided, 1490-1700. Penguin Books.

- Needham, N. R. (2016). 2,000 Years of Christ's Power, Vol. 1: The Age of the Early Church Fathers. Christian Focus.

- Needham, N. R. (2017). 2,000 Years of Christ's Power, Vol. 2: The Middle Ages. Christian Focus.

- Schaff, P. (2015). History of the Christian Church, Vol. 3: Nicene and Post-Nicene Christianity, A.D. 311-600. Hendrickson Publishers. (Obra original publicada no século XIX).

- Wycliffe, J. (1845). Tracts and Treatises of John de Wycliffe. (R. Vaughan, Ed.). Blackburn and Pardon. (Obras originais publicadas no século XIV).

- [12] Noll, Mark A. *Turning Points: Decisive Moments in the History of Christianity*. Baker Academic, 2000.

APOIO OU DOAÇÕES

Se os nossos conteúdos têm edificado a sua vida, saiba que é possível apoiar este ministério, com oração, partilha, recursos ou contribuição, conforme ensina a Palavra: **'O que é instruído na palavra, reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui.'** (Gálatas 6:6)

FORMAS DE APOIO

1. **Ore por nós** – Interceda por sabedoria, santidade, direção e portas abertas.

2. **Compartilhe os materiais** – Ajude a alcançar mais vidas divulgando os conteúdos.

3. **Adquira nossos materiais** – Fortaleça-se com conteúdos bíblicos voltados à edificação dos crentes empreendedores e empresários.

4. **Contribua financeiramente (se for da sua vontade)** – Caso Deus toque teu coração, você pode apoiar financeiramente com base nos seguintes princípios:

- Se você tem sido edificado pelos conteúdos do nosso ministério (Gálatas 6:6);

- Se estás em paz com Deus e em comunhão com sua igreja local;

- Se a Sua família está suprida nas necessidades básicas (1 Timóteo 5:8);

- E sente em seu coração o desejo de participar financeiramente com alegria e liberdade (2 Coríntios 9:7);

Então, sim: **pode nos apoiar**. Toda contribuição será recebida com gratidão, administrada com temor e prestará contas diante de Deus.

Fora de Angola: <https://ko-fi.com/luisfrancodasilva>

Angola: Banco BFA - 0006 0000 94455837301 93

Luis Franco da Silva

Nota: Não fazemos apelos públicos constantes, nem vendemos bênçãos. Se você percebe frutos espirituais, valor bíblico e temor de Deus no nosso trabalho, caminhe conosco com discernimento, oração e liberdade cristã.
